

DEUSA VIVA

*Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea
Lua Cheia - Beltane - Abril de 2018 – nº 226*



Beltane

Há pelo menos doze mil anos, em várias culturas ao redor do mundo, eram celebradas as transformações da natureza ao redor da Roda do Ano com festivais, sejam solares (solstícios e equinócios), sejam de fogo (que marcavam os pontos intermediários entre os festivais solares) e denominados pelos povos celtas de Sabbats.

Na Roda do Ano, Beltane, e seu oposto Samhain, eram os maiores festivais da tradição celta, marcando o início do verão e do inverno, as duas metades do seu ano calendarístico. Beltane representava o casamento sagrado do Deus e da Deusa, a união do céu com a Terra, que espelhava a exuberância e a vitalidade da natureza e visava o aumento da produtividade da terra e da fertilidade em todos os reinos. Eram comemorados com danças, música e a encenação do casamento sagrado da Deusa da Terra com o Deus da Vegetação, representados pelos seus sacerdotes.

Na tradição celta, os “Fogos de Beltane” honravam o desabrochar e o desenvolvimento da vegetação, as promessas da abundância da terra fertilizada pelos raios solares (simbolizados pelas chamas), os instintos de acasalamento dos animais e os impulsos amorosos humanos.

Trechos do artigo de Mirella Faur



Elen dos Caminhos, a Deusa com Chifres

por Deanne Quarrie

**Oh, Senhora do Caminho da Lua Brilhante,
e das rotas do mar deixadas pelos raios de sol,
As trilhas dos dragões entre as alturas,
e todos os sagrados caminhos escondidos;
Oh, Senhora Elen dos Caminhos!...**

Por que uma deusa teria chifres, quando apenas veados machos têm chifres? Essas deusas antigas vêm de um tempo em que as pessoas estavam intimamente ligadas aos veados e renas. Eram povos caçadores e coletores, e seguiam as trilhas migratórias das renas. Eles dependiam das renas para comida, abrigo, roupas quentes. Eles sobreviveram por causa das renas.

Tanto em renas macho como em fêmeas crescem chifres. Os chifres começam a crescer nos machos em março ou abril, e nas fêmeas em maio ou junho. O macho perde seus chifres no final da estação de cio (final do outono) e as fêmeas mantêm os seus até terem seus filhotes, na primavera. Ambos desenvolvem novos chifres todos os anos e a cada ano crescem em tamanho maior.

É a fêmea mais velha que lidera o rebanho. Por causa disso, as pessoas viram a deusa Rena como a velha mãe, sua Deusa da qual elas dependiam. Esta Mãe Rena Criadora nutridora esteve nas regiões árticas da Sibéria, da China à Finlândia, Lapônia, Suécia e Noruega, Groenlândia e Islândia, através da Floresta Boreal, nas Ilhas Britânicas e até nas Américas do Norte e do Sul. Elas ainda são encontradas em muitos climas frios em todo o mundo. Ainda há tribos que seguem as renas enquanto migram e vivem como poderíamos supor que sempre viveram. A Mãe Rena Criadora é reverenciada como a fonte da vida, morte e renascimento por aqueles que vivem próximos das renas.

Na antiga Bretanha, ela era Elen dos anfitriões. Mais recentemente ela vive como Elen dos Caminhos. Ela é protetora dos caminhos, sejam eles físicos, mentais ou espirituais. Ela é a guardiã de todos que viajam.

Através dos tempos, várias Elens, Helens e Helenas foram combinadas. No mito e na lenda, Elen é uma representante da própria terra da Grã-Bretanha, que confere status real pelo casamento. Sendo, muito provavelmente, uma deusa de um tempo muito antigo, que presidia os caminhos dos sonhos, Elen dos Caminhos é o ápice da lenda, do mito e da história.

Não se sabe quem Ela realmente é. Ela é Elen, do Mabinogion - ou ela é Santa Helena? Chamá-la de Elen dos Caminhos é uma nomeação recente dada por Caroline Wise. No entanto, muitos a viram em visões, enquanto empreendiam jornadas ou meditavam. Várias descrições foram compartilhadas. Ela é um conceito - uma energia - que agora tem um nome.

Do País de Gales e do Mabinogion vem O Sonho de Macsen Wiedig, uma história de magia que nos fala sobre as travessias entre os mundos. Elen envia um sonho para um possível marido-guardião para ver se ele consegue interpretá-lo e encontrá-la, e Macsen consegue. Esta história fala de soberania. Elen concede a Macsen a realeza por direito próprio. Ela é uma mulher de outro mundo e rainha. Ele não pode ser rei sem ela. Ela é o Espírito da Terra; ele é o guardião da terra.

Em nosso tempo nós perdemos este conceito de soberania e esta perda nos deixa sem um entendimento claro de como trabalhar com a Terra, como respeitar a Deusa como Soberania, como perguntar a Ela de que Ela precisa, ao invés de impor-lhe o que achamos que é melhor. Se pudermos encontrar o caminho de volta para Elen poderemos nos colocar, como humanidade, de volta nos trilhos.

Elen guarda os veios de mercúrio, as linhas de energia, os caminhos mágicos que se estendem através da Ilha sagrada da Grã-Bretanha conectando poços sagrados, círculos de pedra, cumes de montanhas e outros locais sagrados. Elen é homenageada em Beltane, quando ela abre as estradas para os viajantes.

Deer Trods

Trilhas de veados (*Deer Trods*) são as pegadas dos cervos. Aqueles que seguem as trilhas dos cervos na Bretanha são chamados *awenydd*, que significa “espírito guardião”. Os *awenydd* chamam seu caminho, caminhando pelas trilhas dos cervos - seguindo os antigos caminhos da Deusa dos cervos. Eles honram o espírito da Terra e trabalham com o espírito da terra. Como xamãs eles viajam e servem como sábios conselheiros e curadores.

Deanne Quarrie (Bendis) é uma Sacerdotisa da Deusa, fundadora da Tradição Apple Branch, e autora de cinco livros.

Artigo original publicado em: <https://feminismandreligion.com/2018/03/18/elen-of-the-ways-and-the-antlered-goddess-part-1-of-2-by-deanne-quarrie/>

Tradução livre e adaptação: Cynthia Sims

O Mastro de Maio (Maypole)

por Mirella Faur*



O principal símbolo de Beltane é o “Mastro de Maio”, cujo costume ainda continua em vigor em muitas regiões rurais da Irlanda, Inglaterra, Escandinávia, Alemanha e América do Norte. Antigamente o mastro era feito do pinheiro usado no Sabbat Yule, no solstício de inverno, descartando seus galhos e decorando-o com fitas vermelhas e brancas, que simbolizavam a cor da Deusa (vermelho para os mistérios do sangue) e de Deus (branco, para o esperma).

O mastro era a reprodução da Árvore do Mundo, as raízes fincadas no mundo subterrâneo e os galhos elevados para o céu, o falo divino e celeste que proporcionava o renascimento do espírito através da sua condução para o útero telúrico e materno representado pela abertura na terra. Como símbolo fálico o mastro impregna e fertiliza a terra (que passa do estado de virgem para a maternidade), momento mágico cuja força é tecida pelo entrelaçamento das fitas na dança ao seu redor. Os participantes seguram a fita na cor que representa o sexo feminino ou masculino e entrelaçam cores e energias criando a união das polaridades que irá gerar a energia do próximo ciclo, da natureza e das suas próprias vidas.

* Trecho do artigo Sabbat Beltane de Mirella Faur

Jornal Deusa Viva

Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea

Expediente

Edição: Andrea Boni

Direção de Arte: Mariana Studart

Diagramação: Cynthia Sims

Textos: Mirella Faur, Deanne Quarrie, Dúnia Salazar

Imagens: Internet, via Pinterest.com

Informações: www.teiadethea.org

Telefone: (61) 98233-7949

E-mail: teiadethea@teiadethea.org

Envie suas sugestões, críticas ou elogios para:

deusaviva@teiadethea.org

Distrato

por Dúnia Salazar

Saber do distrato de casamento da irmã de uma pessoa querida, me fez pensar no que é ocupar espaços.

Distrato porque o casamento se desfez antes de se concretizar e os preparativos, que estavam previamente contratados para acontecer, seriam desfeitos. Lembrei do dia em que o distrato do meu casamento aconteceu. Numa condição diferente, pois estávamos juntos há cerca de 14 anos entre namoro e casamento.

Foi há alguns carnavais. Cheguei de viagem e acordei meus pais da sesta, os sentei na sala de sua casa e, de mãos dadas ao lado do meu então marido, comuniquei que iríamos nos separar. Não vou descrever as reações, mas havia lágrimas nos olhos deles, não nos meus. Ajudei meu já ex-marido a fazer a mala do necessário para ele ficar na casa de um amigo e ele foi.

Passei os dias seguintes, daquele feriado de carnaval, desfazendo caixas, pois na época morávamos com meus pais. Na verdade, somente ele, eu morava em Brasília e “nossa casa” estava toda encaixotada.

O desmanchar daquelas caixas foi doloroso, com trilha de Cartola e muitas lágrimas, só minhas. Cada objeto que pegava falava um pouco do que cada um de nós trouxera e agora seria devolvido, outras coisas não sabia em qual caixa colocar. Minha? Dele?

O fato é que percebi que muitas das coisas que iam para caixa das dúvidas, iam porque me desidentificava delas. Um desfazer do que seria nossa vida em comum. O vazio que ficou em mim era bem maior que a caixa cheia de coisas com um signo de interrogação bem grande nela. Estava criando espaço para minha vida, só minha, embora não soubesse disso.

Entendi que esse vazio foi fundamental e mesmo depois de ter terminado de separar objetos, passei um tempão me desfazendo de conceitos, expressões e sonhos que não eram só meus. Certa vez percebi que 90% das perspicazes frases que usava para arrematar algum comentário eram dele... tenho que admitir, ele era hábil com as palavras.

É doloroso esse distrato, mas só de início. Quando me dei espaço resgatei o que nem sabia que tinha. Nestes anos, a cada reencontro comigo fui abrindo espaço e devolvendo o que não era meu. Uma delícia, pois fica uma ternura pelo que vivi e minha própria história vai tomando forma.

Quando me apropriei de minhas características e passei a questionar que formalidades e estruturas são só “coisas”, pude devolvê-las. Com ou sem dor, o que pode ser mais uma formalidade. O importante para mim foi perceber que o espaço que se abriu me permite viver minha vida, minha mudança, meu espaço!

E à irmã de minha amiga querida, fica o agradecimento pela reflexão do que pode ser gerado ao ocupar e desocupar espaços.